

mente



Viverá o escutismo
numa outra galáxia,
onde não existem
pessoas
nem sentimentos?

atentamente 7

A. Cardoso

Organizem-se !
Há um sem número
de coisas que
se podem fazer...

internacionalmente 11

Mónica Alfredo

SUMÁRIO

mandamente

Ainda á espera do
Nacional de 92, já se pensa
no Nacional de 96.

No MECO,
com o sexto reformulado.

Zé Alfaiate

união do mente

É urgente superar a crise da
imprensa escutista. Mas
começar a editar livros
escutistas também não era
má ideia.

João Armando

mente

ANO V - Nº 6 (2ª Série) NOV/DEZ 91

Tal como
há quem
discorda
de B.P.,
também tu
podes
discordar
de mim,
também
eu posso
discordar
de todos
vós, também...

Religião



NO

FUNDO

Publicação do
movimento de encontro
novas tendências escutistas

Propriedade
CNE - Instituição de Utilidade Pública

Agr. 109-Stº António dos Olivais (Coimbra),
235-Figueira da Foz e 358-Sé Nova (Coimbra)

Redacção e Administração
Apartado 3089 - 3000 COIMBRA

Director - João Armando

Chefe de Redacção - Zé Alfaiate

Administração - Isabel Ferreira

Redacção - Ana Cardoso, Ana Mota, António Calixto,
A. Cardoso, Cila Rodrigues, Cristina Quadros,
Cristina Marques, José Luís Malaquias,
Miguel Baio, Teresa Vieira Teresa Loja

Ilustrações - Carlos Duarte, Cila Rodrigues e
Gonçalo Furtado

Fotografias - Gonçalo Furtado, José Meneses
Paginação e Montagem - José Meneses

Impressão - Tipografia Lousanense - Lousã
Depósito Legal - 7794/87 Tiragem - 500 ex.
Registo de Publicações Periódicas nº 112912

List of people reported killed, missing or wounded in connection with the incident at Santa Cruz Cemetery. *Diário da Manhã*, 20 November 1997, Page 1

PERSONAL DETAILS

CONCERNING COMMENTARY

18 yrs; high school student

Reported killed

18 yrs; high school student

Reported killed

21 yrs; high school student

Reported killed

17 yrs; high school student

Reported killed

Ana Rosana Freitas

29 yrs; unemployed

Reported killed

André Soares

21 yrs; high school student

Reported killed
Also reported wounded

António (29)

15 yrs; junior high school student

Reported killed

António (21)

21 yrs

Reported killed

António dos Santos

19 yrs; high school student

Reported killed

António António Faria

19 yrs; high school student

Reported killed

Custódia Benevides

16 yrs; high school student

Reported killed

David dos Santos

18 yrs; high school student

Reported killed

David dos Santos

21 yrs; high school student

Reported killed

Domingos

18 yrs; high school student

Reported killed

Domingos

10 yrs

Reported killed

Domingos Regato

22 yrs; high school student

Reported killed

PORTUGAL
PORT

Timor. Sabemos que a palavra começa a estragar-se por se ter tornado moda evocá-la. São abaixo-assinados, manifestações, campanhas, vigílias, lágrimas que traduzem a revolta contida no coração de milhares de pessoas a quem brutalmente foi lembrado que há gente a matar outra gente que tem algo em comum connosco. Pouco importa pormenorizar se os Timorenses são muito ou pouco Portugueses. Importa tomar consciência que durante dezassete anos, duzentas mil pessoas que tinham connosco, Portugueses, traços comuns de língua, costumes, bandeira, simplesmente desapareceram.

Foi preciso ver para acreditar. Cristo dizia a S. Tomé: "Benditos aqueles que acreditam sem ver". Quase dá vontade de dizer que nós, Portugueses, somos malditos.

O MENTE, sem querer adoptar o "farisaísmo" de alguns Portugueses (os políticos em particular), ou a discrição da grande parte da Igreja (aplausos para o Bispo de Setúbal) e dado não ter conhecimento de qualquer posição oficial do C.N.E., deixa aqui expressa a sua revolta. Dói fundo ver as imagens do cemitério de Santa Cruz. Dói fundo ver os nossos pomposos dirigentes políticos inventar "desculpas de mau pagador". Dói fundo ver os nossos amigos Americanos e Europeus a esquivarem-se e a serem mais amigos de outros. Dói fundo pensar que, daqui a uns meses, talvez continue tudo na mesma, numa modorra preguiçosa.

Por tudo isto gostávamos de pedir aos Escuteiros:

- PENSEM EM TIMOR
- TOMEM POSIÇÃO. QUALQUER. AGORA.

JOÃO ARMANDO

meditatione

mentevade

NECA

Ano Novo, Vida Nova. Lema universal, mais que batido mas sempre positivo na intenção de mudança que traduz. São votos perfeitamente desejáveis ao nosso C.N.E. Se bem que este ano não são apenas votos - são certezas. Com efeito, com uma Junta Central nova, com uma Equipa Pedagógica nova (na idade, na dinâmica, no interesse...), com "permanentes" nos Serviços Centrais a debitarem cada vez mais trabalho, com um ACANAC à porta (cuja equipa organizadora se lhe dedica inteiramente...), com Pedagogia nova, com insígnias novas, com Progresso novo, com uniforme novo... mal será se não for ano de vida nova!

Na verdade são muitas coisas novas. Os mais pessimistas certamente aproveitarão para proclamar aos quatro ventos que "quem muitos burros toca, algum deixará para trás!" E os masoquistas (para não lhes chamar pior) certamente já se estão a camuflar pelas encruzilhadas, à espera do primeiro "burro perdido" para lhe atirar a 1ª pedra.

Só que eu sou um optimista por natureza e acredito que o facto de se pretender fazer muito ao mesmo tempo só redundará numa coisa: o nosso C.N.E. vai avançar muito em pouco tempo!

Gostaria no entanto de lembrar uma coisita de nada, não vá ser esquecida no meio de tanta coisa importante: é que 1993 é o ano em que o C.N.E. vai fazer 70 aninhos. E tão provecta idade merece ser bem comemorada. Aquando da "campanha eleitoral" (há um ou dois séculos atrás) ouvi um tipo - que por acaso até é o actual Chefe Nacional, depois de derrotar à tangente o anterior - dizer a quem o quis ouvir que tinha uns planos bestiais para a data, e até se pôs a desbobinar umas ideias - propaganda, claro. Lamento não vos poder dizer quais foram, pois a conversa foi na Sede Social do MENTE, numa tarde de calor, daquelas que dão vontade de dormir, percebem? Mas lembro-me vagamente de um Congresso C.N.E. 3000, ou coisa assim...

O que eu sei é que se queremos uma festa em condições, talvez não fosse má ideia

a J.C. ir pensando no assunto. Nós no MENTE não gostaríamos nada de ter de lançar a campanha "Salvemos o 70º Aniversário". E nem sequer dá para adiar para o ano seguinte... Seria de extremo mau-gosto. Não estão a imaginar o Cavaco a ir aos 71 anos da malta, pois não? (A bem dizer nem o estou a ver a ir aos 70, mas enfim...)

Já que estou numa de Bom Samaritano, dando ideias à concorrência - o que poderá vir a estragar o nosso score eleitoral nas próximas eleições - não resisto a dar mais uma: Ó Faria, vai ao DMF, à prateleira dos livros, e lá atrás procura um livrinho chamado "Presença e Acção do C.N.E. ...etc." Custa a módica quantia de cinco paus (isso mesmo, 5\$00, c-i-n-c-o, pois), já com IVA. Sabeis o que é? Pois eu vo-lo digo: é o primeiro (e creio que único...) relatório feito pelo C.N.E. visando divulgar interna e externamente a presença e a acção na sociedade do nosso Movimento, isto pelo 30º Aniversário. E que tal uma coisa parecida para o 70º? Já não se poderá falar do Escutismo Católico no Império, mas por acaso até está a renascer nos PALOP's. E de certeza que a malta aí da J.C. encontrará qualquer coisita mais para o melhorar. Afinal, não ficamos em nada atrás do pessoal de aqui há 40 anos.

Duvido é que os consigas vender a 5 paus...

mentate

A. CARDOSO

...olhamos diariamente para a caixa do correio, à espera do envelope pardo-cento que nos liga à Junta Central. Continuamos à espera de notícias sobre a tal campanha anti-droga. Estão à espera de quê? De que seja tarde?

...temos seguido a preocupação demonstrada pela Igreja face à integração europeia no plano cultural. Prevê-se que a partir de 1993 o património das nossas Igrejas comece literalmente a tomar o rumo da Europa. O alerta está lançado e a hierarquia clerical já determinou que se fizesse um inventário o mais completo possível do património de todos os lugares de culto. Digam lá se não é uma actividade fixe para os dias de Inverno?

...vamos coleccionando grupos que usam a nossa sigla. Aí vão três: Comissão Nacional de Eleições, Centro Nacional de Embalagens, Comissão nacional Eleitoral (Ordem dos Médicos). Conhecem mais? Digam-nos!

...fomos vendo o Telejornal, à espera de quando o Rodrigues dos Santos diria que também os Escuteiros estavam a fazer algo por Timor. Nada. Nem era pelo impacto que tal (também) poderia ter no público. É mesmo pelos Timorenses. Ainda não consegui esquecer a imagem de um Lobito, com a nossa farda antiga (de 1975...) a receber o Papa.

Estes tipos estão a fazer um verdadeiro trabalho de Escuteiros". O que dói mais é não haver Escuteiros a fazer disto.

Nós por aqui pelo MENTE vamos coleccionando tudo o que aparece sobre especialidades. Serão a próxima parte do Sistema de Progresso a ser revista. E mais importante que como irão ser as novas insígnias será saber quais os conteúdos e como se fará a articulação entre Secções. Se tiverem o mínimo interesse neste assunto aconselho-vos a começarem a falar. Se estão à espera que

vos vão perguntar a opinião antes de se estabelecer um esquema provisório, bem se lixam. E aposto quanto quiserem que o primeiro esquema a ser delineado será o aprovado.

Vocês sabiam que de 18 a 25 de Janeiro vai haver mais um Oitavário Ecuménico? Eu também não. Sabem o que é isso? Pois. E sabiam que é algo onde deveríamos estar na linha da frente? Ahah. Também não digo mais nada. Primeiro porque já iria tarde para se fazer algo (pelo menos este ano). Segundo porque temos uma Assistência Nacional. Entenderam?

Vocês viram na T.V., antes do Natal, uma série de reportagens sobre a acção social desenvolvida nos bairros degradados de Lisboa por um grupo de jovens, creio que ligados à Universidade Católica? Quando vi não pude deixar de pensar: "Estes tipos estão a fazer um verdadeiro trabalho de Escuteiros". O que dói mais é não haver Escuteiros a fazer disto.

A acabar: peço por favor a todos os Escuteiros (do C.N.E. ou não) que trabalhem em rádio, como técnicos ou a fazer programas, e que estejam interessados em fazer um pouco disso no ACANAC, que escrevam para: Rádio ACANAC, apartado 3075, 3000 COIMBRA.

DAS PUBLICAÇÕES DO CNE

1. DOS JORNAIS E REVISTAS

A (pseudo) "imprensa" no C.N.E. abrange um lote variado de publicações que vão do simples jornal de patrulha ou unidade ao onnipotente (e agora onnipresente) órgão oficial, a revista "Flor de Lis". Colocam-se entre estas duas realidades, uma série de publicações de carácter regional ou "zonal".

As primeiras, de carácter local, tendo como berço as patrulhas/equipas, unidades ou, quando muito, agrupamentos, são, indiscutivelmente, as mais honestas, autênticas e verdadeiras (é por isso preocupante que existam cada vez menos). Deitar os olhos sobre um exemplar de um jornal de patrulha, feito em fotocópia, com os artigos manuscritos, recheado de inscrições "naif" é algo que nos revela que por trás daque-

las folhas houve esforço, houve reunião de vontades, houve trabalho e entusiasmo de miúdos. O jornal passa a ser mais importante por tudo aquilo que se passou antes de sair, do que propriamente por aquilo que diz (embora, muitas vezes, a leitura da prosa resultante seja uma autêntica delícia). Os objectivos

Tem a "Lis" uma característica que mais nenhuma publicação no C.N.E. tem: é "obrigada" a sair todos os meses.

destas publicações são, normalmente, os mais simples: divulgar actividades à população local e/ou servir de meio de angariação de fundos. Talvez também por isto, a sua vida á efémera.

O nível seguinte englo-

ba as revistas e jornais com pretensões(!). São publicações editadas por Juntas Regionais ou de Núcleo ou até por alguns agrupamentos e que apresentam, normalmente, um aspecto mais cuidado (pensa quem edita) em termos gráficos, com os textos dactilografados ou tratados em computador, aos quais se fez uma "montagem" e "maquetização" (nomes bem pomposos). Têm aspirações a ser muito divulgados e lidos (se possível com implantação regional ou nacional) mas normalmente nunca o conseguem, quer porque não conseguem evitar as sistemáticas referências de cariz restrito ("consta que o Chefe de Agrupamento da Merdaleja vai contrair matrimónio com uma camiheira de Alguidares de Baixo") quer porque os escuteiros do C.N.E. acham que ler coisas sobre escutismo é uma perda de tempo ("o que interessa é estar com os meus(!) "putos"!"). Daí serem, normalmente, "pasquins" de informação sem grande interesse formativo, até porque os artigos (supostamente) de cariz pedagógico que lá aparecem servem unicamente para compôr, para "equili-

brar” o jornal/revista (como se o “equilíbrio” de uma publicação fosse garantia de qualidade). Para este tipo de jornais/revistas existir são necessárias duas condições: que haja 3 ou 4 “carolas” (os “jornalistas”) que mantenham a chama acesa (escrevendo artigos sob pseudónimo ou tótem para dar a impressão de que há muitos colaboradores) e que as fontes (normalmente externas) de financiamento do projecto não se esgotem. Como nalguns casos essas fontes são inesgotáveis (já que são implementados esquemas nem sempre correctos mas eficazes) o tempo de duração destes projectos pode ser longo caso o “factor humano” não falhe.

Por último, temos o caso especial do órgão oficial do C.N.E.. A linha redactorial da “Flor de Lis” tem tido as mais diversas orientações (emanadas por quem?). Já foi “revista para todos os escuteiros”, “revista essencialmente para pioneiros, caminheiros e dirigentes”, revista só para miúdos (quando havia um “Indaba” só para dirigentes, lem-

bram-se?), “revista só para dirigentes”, “órgão oficial (extensão) da Junta Central”, “revista com vida própria dentro da Associação (autónoma da Junta Central)”... enfim, um rol de coisas que não permitiu construir a sua identidade para



além daquela que lhe advém do facto de ser órgão oficial, particularidade essa que é, forçosamente, limitativa. Tem a “Lis” uma característica que mais nenhuma publicação no C.N.E. tem: é “obrigada” a sair todos os meses; isto é, enquanto as outras nascem de uma ideia comum de um grupo de pessoas (e vivem enquanto elas puderem e quiserem), na “Lis” tem de haver um grupo de pessoas para encher o projecto. É tarefa in-

grata (porque se torna uma obrigação) que tem vindo a ser melhor ou pior desempenhada pelas pessoas que aceitam colaborar. Já repararam como é difícil encontrar um director para a “Flor de Lis”? Basta verificar nos exemplares dos últimos anos quem aparece à cabeça da “ficha técnica”. Raras vezes (1991 é excepção?) aparece um nome como director (o que só pode levar a enaltecer os que teimam em manter a máquina a funcionar). Sobre a “Lis”, uma última palavra de desagrado para a assinatura compulsiva (para unidades, agrupamentos e dirigentes) aprovada em Conselho Nacional.

Será esta a política do C.N.E. para as publicações? A publicação que tem de existir (mesmo que não haja material humano) tem de ser financiada. E aquelas que nascem da vontade dos escuteiros? E aquelas que têm realmente alguma coisa a transmitir? E para quem avance com o argumento que a ideia é divulgar a Flor de Lis pelo C.N.E. lembramos o velho ditado chinês. “ao ver um homem com fome, não lhe dê um peixe

mas ensina-o a pescar”.

Para terminar o capítulo das publicações periódicas, só uma chamada de atenção para o tal artigo do regulamento que restringe a capacidade de as editar às unidades, agrupamentos e juntas de todos os tipos. Que tal alterá-lo de modo a explicitar que qualquer grupo de escuteiros com interesses comuns (os ambientalistas, os coleccionistas, os montanhistas, os marítimos, os fotógrafos,...) tenham a possibilidade de editar uma publicação? Sabem que era à sombra deste artigo que queriam proibir a publicação do Mente, há cinco anos atrás? Digam lá que não tinha sido uma lástima?

2. DOS LIVROS

A edição de livros no C.N.E., nos últimos anos, tem sido de uma pobreza confrangedora. Nem manuais técnicos, nem livros temáticos, nem textos de reflexão, nem auxiliares de intervenção pedagógica (para não referir posters, folhetos de divulgação do es-

cutismo e outros elementos virados para “fora”). As honrosas excepções de que nos lembramos são as de “No Rasto do Fundador” (uma tradução das tantas que se podem fazer),



“C.N.E. em números” (documento estatístico valioso mas que rapidamente perde a actualidade) e pouco mais.

É pouco. O C.N.E. precisa de mais “literatura”. Precisa de mais elementos de apoio e de mais auxiliares de acção e reflexão (fichas técnicas, reflexões, ideias de actividades, jogos, etc.). A aprovação e consequen-

te implementação final das novas metodologias para as secções tem de ser acompanhada pela criação de uma “bolsa de apoio” à prática formativa nas unidades que inclui a edição não só

dos manuais inerentes às metodologias mas também de uma série de outros elementos subsidiários a que os dirigentes possam recorrer para os auxiliar na condução da unidade. É uma tarefa morosa mas que se tornará ainda mais difícil se se deixar passar o efeito da dinâmica criada pelo lançamento das metodologias. Que fique claro que se trata de um investimento que não vai trazer dividendos financeiros, porque

na actualidade pode não haver mercado para absorver toda essa “livralhada”. No entanto, os bons hábitos também se adquirem e quem sabe se não haveria alguma surpresa?

Pela nossa parte, há dois anos que temos um projecto nesta área à espera do respectivo apoio. Ficará esse projecto unicamente no nosso imaginário?

KANDERSTEG

Lembro-me da primeira vez que vi o distintivo de Kandersteg numa camisa de escuteiros: na altura, talvez com uma certa inveja, pensei no porquê de serem sempre "os outros" a ir, de uma viagem ser tão cara, tão difícil de organizar...

Retiro tudo o que pensei. É possível participar numa actividade internacional a qualquer momento! Basta que se junte um grupo de escuteiros com vontade de conhecer outros escuteiros e passar algum tempo a pensar na melhor maneira de chegar a Kandersteg:

-Inter-rail (o comboio passa mesmo ao lado do Centro);

-Autocarro (é fácil alugar um, quando se trata de grupos grandes);

-Avião (é desaconselhável, uma vez que se perde a oportunidade de apreciar a paisagem em "terra firme!");

O KISC (Kandersteg International Scout Center) está aberto todo o ano e oferece um leque de activi-

dades que se baseiam em duas grandes provas (leia-se "insígnias"): Amizade Internacional e Aventura Alpina. Mas, atenção: não pensem que é só chegar e participar! Um escuteiro mais distraído pode passar ao lado das actividades; é necessário saber quais/como/quando são e propor-mo-nos a fazê-las sózinhos, ou seja, a organização do KISC não nos vem perguntar se queremos ou estamos a participar.

A Amizade Internacional é composta de várias provas: saber dizer "Bom-Dia", "Obrigado", etc., nas línguas dos países que estão no KISC, convidar um país para uma refeição tradicional, organizar um fogo-de-conselho em que se trocam canções, danças, etc...

Se optarmos também pela Aventura Alpina (é possível tirar as duas na mesma altura) ficamos a conhecer toda a região: as montanhas (em que se passa, pelo menos, uma

noite num abrigo), os lagos formados pelo degelo, as fábricas de queijo (que ainda utilizam métodos artesanais!), os teleféricos...

Também nesta prova é necessário sermos nós a tomar a iniciativa e partir à descoberta; é que nem sempre o KISC tem guias disponíveis para dirigir as expedições. No entanto, o receio de partir sózinho ou o esforço da escalada são largamente compensados pelo prazer de estar a 1900 metros e olhar a paisagem (incrível!) como quem olha o mundo! (está bem, se calhar estou a exagerar, mas foi o que eu senti!).

Bem, depois de tudo isto, já estão todos a pensar na quantidade de francos suíços que são precisos... não são tantos como se pensa à partida, mas também não são poucos.

Organizem-se! Há um sem-número de coisas que se podem fazer para arranjar dinheiro: O.T.L., apanhar fruta no Verão, organizar festivais de teatro e/ou canção, vender postais no Natal...

Por agora, e para que não percam mais tempo, aqui vai a morada para os primeiros contactos:

Kandersteg International
Scout Center
CH - 3718 KANDERSTEG
SUIÇA

Tipografia Lousanense

o nosso agradecimento pelo vosso
trabalho na impressão do **mente** durante
estes 5 anos de publicação



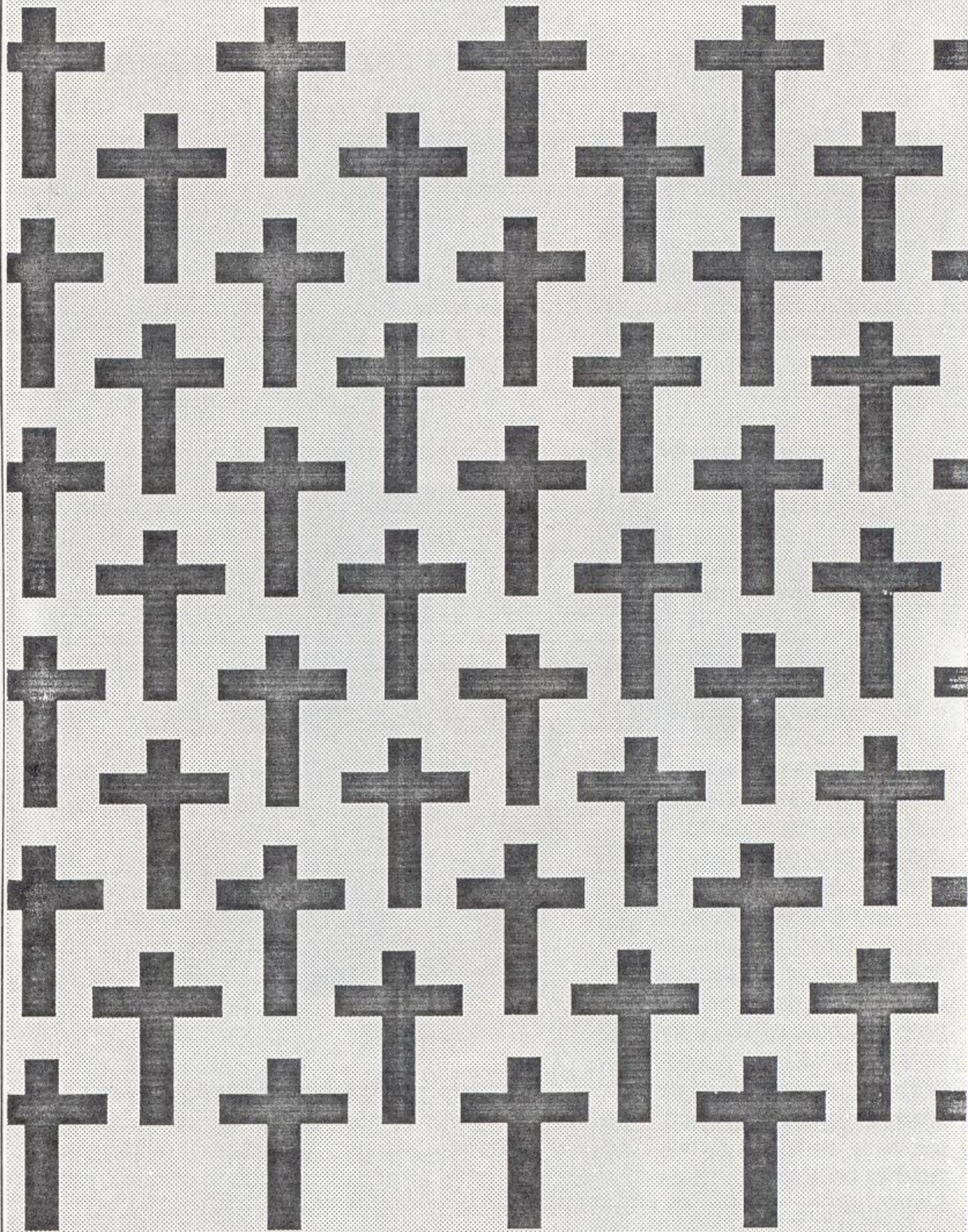
PETZL

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

SUBMATE Ida

TUDO PARA ESCALADA, MONTANHA, ESPELEOLOGIA
ORGANIZAMOS CURSOS DE ESCALADA E ESPELEOLOGIA
PEÇA INFORMAÇÕES POR TELEFONE

AV. EUA, 48-A • 1700 LISBOA • TEL. 80 37 29



N O F U N D O

A Fé não se "pega", como as doenças contagiosas. Ninguém acredita só por acreditares.

Ao escolhermos a Religião como tema de fundo deste número do MENTE, de imediato concluímos que era indispensável ter nele a opinião de D. João Alves, Bispo de Coimbra e responsável da Igreja pelo Apostolado dos Leigos (logo, também pelo C.N.E.).

Entre as várias perguntas que gostaríamos de lhe colocar, havia uma que seria o tema proposto para o seu artigo: será que a Igreja, hoje, ainda precisa do C.N.E. para alguma coisa? E se sim, para quê? Infelizmente, no momento em que fazemos este MENTE, D. João Alves está fora do país para participar no Sínodo dos Bispos sobre a Evangelização da Europa, pelo que não ficaremos a saber a resposta a tão interessante pergunta... pelo menos por agora.

Não queríamos, no entanto, deixar passar a oportunidade sem vos dar a conhecer parte do seu pensamento sobre qual deverá ser o papel do C.N.E., mais propriamente dos seus dirigentes, na sociedade de hoje. Socorro-me, para tanto, da homilia por ele proferida em Fátima, a 28 de Setembro deste ano, aos dirigentes reunidos nas III Jorna-

das Pedagógicas e, por eles, a todos os dirigentes do C.N.E.

Versou a homilia desse dia sobre a necessidade de sermos profetas na nossa vida, de darmos testemunho da nossa religiosidade e crença, de praticarmos uma catequese permanente, senão pela palavra pelo menos pelo exemplo. Ora, para se ser profeta entre os



outros há três factores indispensáveis a seguir:

— primeiro, começar por sermos profetas de nós mesmos; é indispensável aticarmos a nossa Fé antes de querermos acender a chama da Fé nos outros. Não devemos

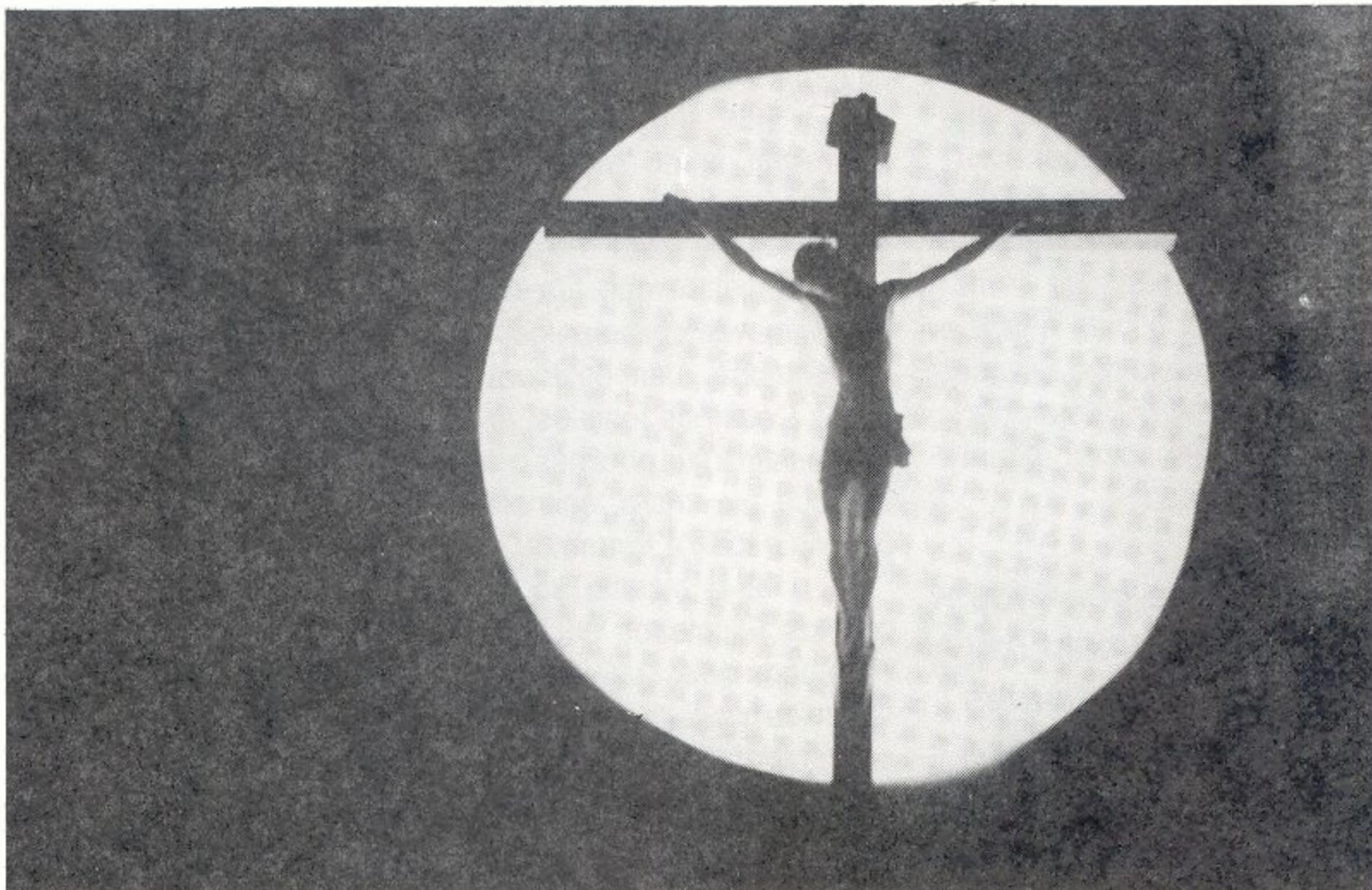
esperar que nos catequize, devemos nós mesmos buscar Deus onde quer que Ele se encontre.

— segundo, devemos ter presente que o Baptismo nos proporciona a "ligação directa" com Deus que nos dá a possibilidade de ser profetas; é condição necessária mas não a suficiente: tem de haver conversão (voltar o espírito para Deus), querer. Sem a escolha consciente do caminho para Deus, sem a conversão a Deus, não poderemos ser profetas entre os jovens. É esta escolha que marca a diferença entre o católico militante (que professa incondicionalmente a sua religião) e o católico praticante (que se limita ao cumprimento dos preceitos mínimos).

— terceiro e último factor indispensável para ser profeta entre os jovens: o conhecimento das razões da Fé. A Fé não se "pega", como as doenças contagiosas.

Ninguém acredita só por acreditares. É fundamental saber porque se acredita e saber argumentar em defesa dessa Fé. Mau advogado será aquele que, acreditando na causa, não conhece a lei.

A Religião "pega-se", "não se ensina".



Pediram-me que descrevesse mais pormenorizadamente o que tinha em mente a respeito de Religião quando instituí o Escutismo e o Guidismo. Perguntaram-me: "Onde é que entra a Religião?" Pois bem, eis a minha resposta: "Não entra em parte nenhuma. Já lá está. É o factor fundamental subjacente ao Escutismo e ao Guidismo."

A Religião "pega-se", "não se ensina". Não é traje exterior para usar ao domingo. É uma componente genuína do carácter do rapaz,

desdobramento da alma, e não um verniz que se coloca. É questão de personalidade, de convicção íntima, não de instrução.

O Escutismo é apenas a aplicação à formação religiosa do princípio actualmente aprovado para a formação secular: o de estabelecer um objectivo bem definido e deixar que a criança aprenda e pratique por si mesma.

O Movimento é todo baseado na Religião, isto é, na compreensão e no serviço de Deus.

Por Religião não quero dizer a reverência domingueira prestada à Divindade, mas a compreensão mais elevada de Deus perpetuamente connosco e à nossa volta, e o consequente plano mais elevado de pensamento e de acção ao Seu serviço.

Visamos a prática do Cristianismo na vida e nos afazeres de todos os dias, e não apenas a mera profissão da sua teologia aos domingos.

A Religião é essencial para a felicidade. Se estás realmente empenhado em

abrir caminho para o êxito -ou seja, para a felicidade- (...)precisas de assentar a tua vida em bases religiosas. Não se trata apenas de ir à Igreja, de saber a história bíblica ou de saber teologia. A Religião muito resumidamente quer dizer:

1º conhecer quem é Deus e o que Ele é

2º aproveitar o melhor possível a vida que Ele nos deu e para o que Ele quer de nós. E isto consiste principalmente em fazer alguma coisa pelos outros.

Para onde quer que vão eles amam os bosques, os montes e os prados, e gostam de observar e de conhecer os animais que os habitam e as maravilhas das flores e das plantas.

Deve ser esta a tua crença, não apenas para meditar ao domingo, mas para servir de norma em todas as horas e em todas as fases da tua vida quotidiana.

Insistimos na observância e na prática da Religião professada pelo rapaz, qualquer que ela seja. Nenhum Homem vale qualquer coisa (para si e para os outros) se não professar uma forma qual-

quer de Religião. O respeito para com Deus, o respeito pelo próximo e o respeito por nós próprios como servos de Deus está na base de todas as formas de Religião.

Os antigos cavaleiros eram muito piedosos. Nunca deixavam de assistir aos actos de culto religioso (...), entendiam que era necessário andarem preparados para a morte. Além de adorem a Deus nos templos, reconheciam a sua obra nas coisas que Ele criara, animais, plantas e toda a Natureza.

E o mesmo se dá com os Escuteiros de hoje. Para onde quer que vão eles amam os bosques, os montes e os prados, e gostam de observar e de conhecer os animais que os habitam e as maravilhas das flores e das plantas.

O Homem de pouco vale se não acreditar em Deus e obedecer às Suas leis. Por isso todo o Escuteiro deve ter uma Religião.

A Religião parece coisa bem simples:

- amar e servir a Deus;
- amar e servir o próximo.

Meios de alcançar estes dois objectivos: ler a Bíblia e ler o "livro da Natureza". O lado luminoso é a compreensão de Deus e o bem-servir o nosso semelhante. O estudo da Natureza é um passo imediato

para esse fim.

O conhecimento da Natureza é um passo para o conhecimento de Deus. Advogo a compreensão da Natureza para a conversão religiosa. A acção de Deus na Natureza desmente os ateus.

As maravilhas e mistérios da Natureza não têm limites. O seu estudo tem valor material, mas quanto mais os estudardes, mais humildes vos tornareis perante a obra do Criador. Pergunte-se ao "Sr. Ateu" quem foi que inventou e construiu essa máquina admirável que é o corpo humano. E não apenas um exemplar, mas milhões em todo este mundo de maravilha (...). Se cada um estudasse um pouco do seu corpo não tardaria a formar uma ideia da obra maravilhosa de Deus e compreenderia que Ele actua realmente no seu corpo, bem como no seu espírito.

Percebe-se que atrás de tudo está uma inteligência mestra e criadora. Existe um Criador que é Deus. Como já antes disse, o Céu não é qualquer coisa vaga, algures lá em cima nos ares. Fica aqui mesmo na terra, no teu próprio lar. (...)Depende de ti o criá-lo, a teu próprio modo, com o teu próprio cérebro, coração e mãos.

Sê jogador na equipa de Deus.

N O F U N D O

Porque não vou à missa

Antes de mais quero dizer que não sou nenhum padre, seminarista ou pregador, sou alguém que como tu sofre do mesmo problema: missa, pois!

Quando me pediram para fazer este texto pensei que iria ser fácil, pois teria tantas razões para não ir à missa que a minha falta de assiduidade estaria justificada.

Mas, para falar a verdade, já ando aqui há bastante tempo à volta com introduções e não consigo encontrar uma razão plausível. Não adianta enganar-me a mim mesmo dizendo que é por falta de tempo porque não é, quem tem tempo para discotecas (sempre elas!), cinemas, convívios, também pode dispensar um pouco de tempo a Deus. Talvez outra das razões porque não vá à missa seja porque hoje em dia a missa está considerada um hábito antiquado. Se dissesse à maior parte dos meus amigos da cidade que vou à Missa, riam e diziam que sou

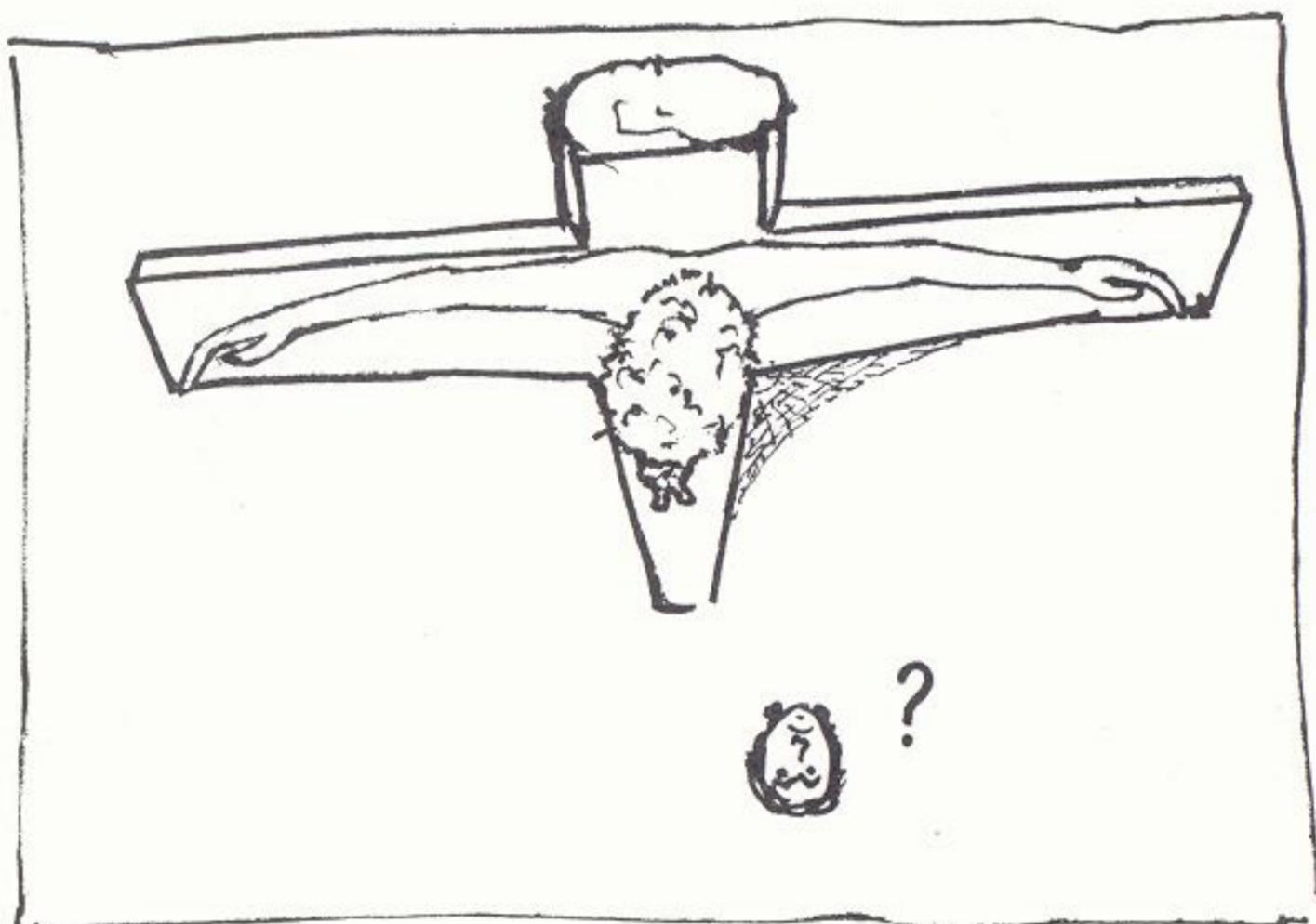
parolo. Hoje em dia é difícil conjugar a Missa com a evolução juvenil.

Agora chegamos às melhores razões; e também às mais embaraçosas e mais problemáticas. Preguiça, pura preguiça, faz com que não tenha coragem de me deslocar até à Igreja mais próxima, que afinal até fica a dois passos. Se realmente me custa a levantar cedo ao Domingo, posso assistir à Missa ou no sábado ou quando me der mais jeito, basta querer... o que não é fácil.

E agora, que me resta? ...sim, a Missa propria-

mente dita não é das coisas mais interessantes de ouvir. Ouvir falar de algo que já aconteceu à tanto tempo e que é difícil de ser compreendido. E quando a Igreja está cheia e temos de ficar de pé toda a Eucaristia, é claro que penso logo: "para a próxima não venho!". Não estou contra a palavra de Deus, mas sim contra a maneira como é dada hoje em dia, só espero que não me excomunguem ou me considerem Anti-Cristo! Espero que compreendam.

Bem, mas agora vou para a Missa... pois!...



Responsabilidades do Dirigente

Na perspectiva dos valores apostólicos do Escutismo católico não é difícil medir as responsabilidades do dirigente. Não é difícil mas é importante e necessário.

Na verdade não basta afirmar-se que a responsabilidade é grande; é indispensável que o dirigente considere tal e saiba porquê.(...)

Ora eu perguntaria se os nossos dirigentes estão realmente convencidos do alcance da Promessa que fizeram ou, por outras palavras, se estarão habituados a medir bem a sua responsabilidade.(...)

Não somos os únicos, nem sequer os principais responsáveis pela formação integral dos jovens que se nos confiam. Mas assumindo voluntariamente a nossa tarefa de dirigentes é grande a parte que nos cabe, mesmo que os outros responsáveis cumpram com toda a perfeição a sua parte, o que nem sempre acontece.

E se o método nos fornece meios mais especialmente aptos à descoberta, por parte dos jovens, do maior tesouro que o Senhor nos quer dar - a sua Graça - e se nele se

encontram também meios de valorização das qualidades humanas (...), quem sentido teremos da nossa responsabilidade se, por culpa nossa, o não soubermos aplicar na sua pureza e não soubermos ou não quisermos fazer render nas suas potencialidades apostólicas?

Mas não estarei eu a fantasiar, ou ter-me-ei esquecido de que estou a falar a cristãos que vivem no mundo, neste mundo absorvente de 1964, neste mundo e nesta cidade de Lisboa de 1964, onde se vive num frenesi, correndo de casa para o emprego, do emprego para o cinema ou para o futebol ou para aquele trabalhinho que dá mais uns escudos, para o estudo, para as explicações e, também, uma fugida para a sede onde se faz uma reunião, onde se prepara uma festa ou um acampamento, ou se vai discutir a última deslealdade ou prova de desinteresse deste ou daquele dirigente?

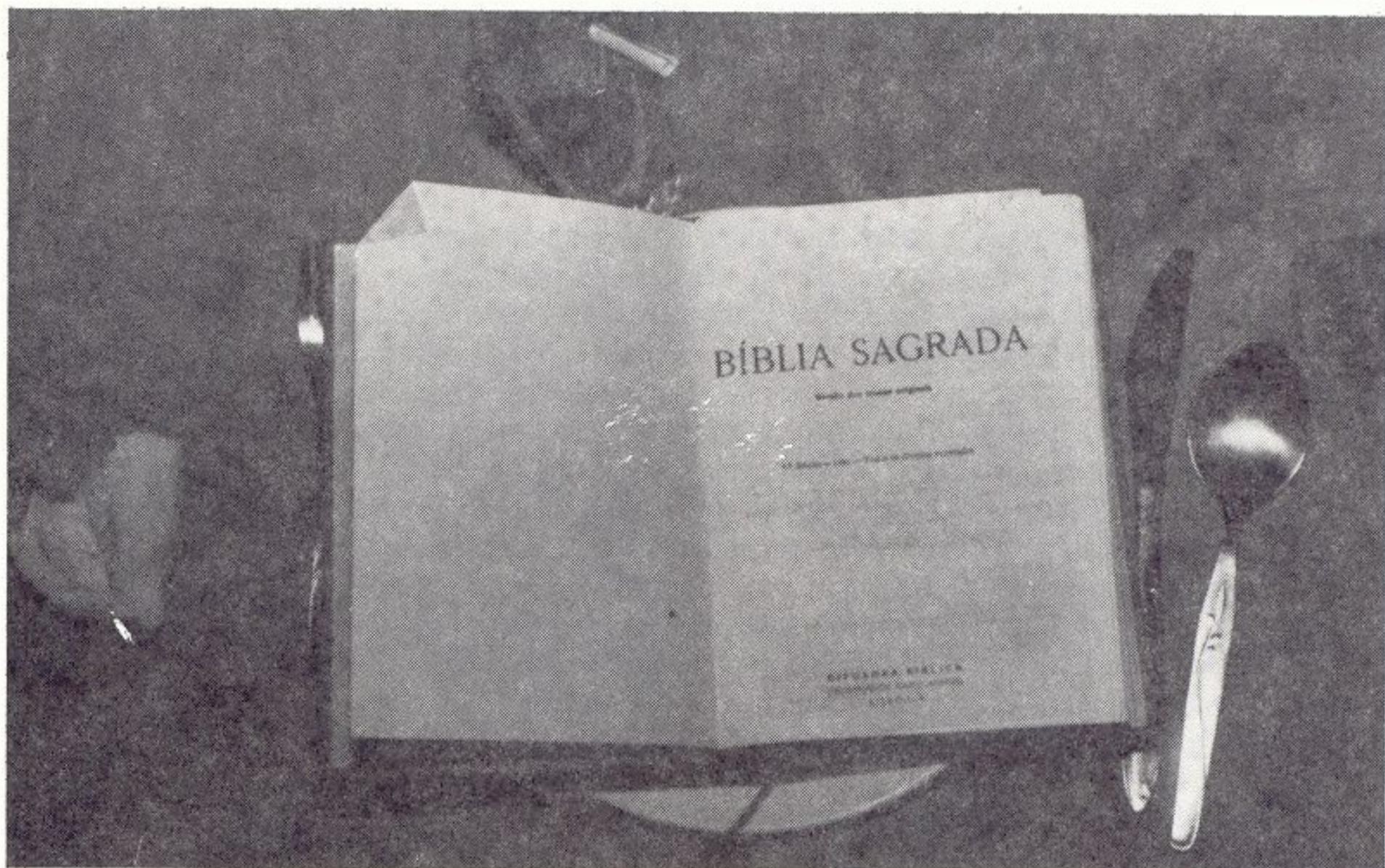
Não esqueci, não deliro nem fantasio. Estou convencido de que o nosso mundo de 1964 precisa de santos e que os há-de haver e que os há e que nós temos de ser

desse número, sob pena de fracassarmos redondamente na nossa missão (...), sob pena de nos tornarmos responsáveis por todos aqueles rapazes que podendo, através de nós, conhecer melhor e amar mais o Senhor, passarão por Ele sem O reconhecerem, porque nós não lh'O soubermos revelar, na nossa lealdade que não os impressionou, na nossa alegria que os não contagiou, na nossa vida em graça que não foi irradiante, porque até pode não existir. (...)

Mas não estarei eu a fantasiar, ou ter-me-ei esquecido de que estou a falar a cristãos que vivem no mundo, neste mundo absorvente de 1964, neste mundo e nesta cidade de Lisboa de 1964

Fala-se hoje muito em diálogos e colóquios. Mas há muitos que, propondo-se dialogar, apenas monologam, porque se ouvem só a si mesmos, às suas autorizadíssimas opiniões e pessoalíssimas maneiras de interpretar o método e de aplicar as determina-

N O F U N D O



ções superiores.

Não conseguem dominar o seu orgulho e, por isso, até os actos de maior generosidade que podem levar até à obtenção, externamente justa, de louvores e condecorações, estão viciados na raiz, porque não servem os rapazes, servem-se a si mesmos, não servem a Deus, cultivam uma forma de vaidade que, mais tarde ou mais cedo, vem a revelar-se em prejuízo desses mesmos que pareciam servir, e em desprestígio da Associação a que pareciam dedicar-se (...).

Somos tão poucos, que é uma pena não sabermos aproveitar todo o potencial da generosidade de cada

um.

Eu perguntaria se é sempre por zelo pelas coisas de Deus e por dedicação para com a juventude, que muitos dirigentes se dispõem a servir somente neste ou naquele lugar, nesta ou naquela tarefa. Verdadeiramente, não me parece que o seja. Pretende-se fazer aquilo de que se gosta, enquanto se gosta e porque se gosta.

Não seria mais perfeito gostar daquilo que é preciso que seja feito, gostar porque é preciso que se faça, gostar porque se ama Aquele por Quem se faz?

(...) Dentro deste espírito, que nenhum de nós espere que o seu vizinho cumpra

para se decidir a cumprir também. Só de um temos de esperar o exemplo; e Esse, há muito que o deu e da maneira maneira mais heróica e, por isso, mais convincente. Morreu para que nós tivéssemos a Vida, para que nós vivêssemos dessa Vida! Será necessário esperar dos outros, tão frágeis como nós, que a nosso lado caminham e lutam, e fraquejam, talvez, o incitamento de que precisamos?

Se é essa a condição, então, meus amigos, enganamo-nos e estamos a mais. Passemos o testemunho a outro, e sentemo-nos à beira do caminho, para não impedirmos a caminhada dos que querem avançar (...)!

N O F U N D O

Escutismo nos Seminários: Um testemunho viciado

A razão que está na base da existência do escutismo nos seminários é, sem dúvida, a de ser um complemento para a formação para o sacerdócio. A vivência e experiência de escutismo, pelo ideal de serviço, pelo espírito de vida cristã, fraterna, empenhada, responsável e participante, pelo amor à natureza, proporciona aos que pretendem ser padres um modo de estar, no mínimo, saudável e dinâmico. Ou seja, o escutismo serve para o seminário.

Por outro lado, como diz o 37º artigo dos Estatutos do C.N.E., "haverá a todos os níveis assistentes eclesiais, com a categoria de dirigentes", isto é, tudo o que é escutismo tem assistentes que, sendo padres na sua maioria, passaram pelo seminário onde foram formados. Ou seja, o seminário serve para o escutismo.

Perante todo este arrazoado, poder-se-ia pensar que o escutismo é fomentado nos seminários, mas tal não acontece, pelo menos no Seminário Maior de Coimbra (talvez aconteça no caso de Braga, cujo Agrupamento já teve o maior Clã do mundo!). No Seminário de Coimbra, onde sou escuteiro, o escutismo é quase "um passatempo de alguns que assim querem".

Os responsáveis directos na formação dos futuros padres são lacónicos quanto ao as-

sunto. Afirmam a importância teórica, mas não entram em "vias de facto". Por outras palavras — e agora sou eu a inventar! — "o escutismo existe, mas se deixar de existir, tanto faz; o que é preciso é estar na Oração da Manhã, e nem se pense em faltar a uma actividade do seminário para participar noutra de escuteiros", isto para não falar já das questões logísticas Agrupamento/Seminário. É sempre um problema.

***"o escutismo existe,
mas se deixar
de existir, tanto faz; o
que é preciso
é estar na
Oração da Manhã"***

Naturalmente, isto obriga o escutismo a ocupar os espaços, na vida do seminarista, que mais ninguém quer, e passa para último plano. Pode pensar-se que isto não é grave, advogando que o seminário propõe outros modos de alcançar a "tal maturidade" e que, se mais importância não se dá, é porque não é preciso; mas, se atentarmos a alguns casos concretos, notamos o alcance da questão:

* nas actividades pastorais de fim de semana, alguns seminaristas são mandados como "semi-assistentes" para Agrupamentos limítrofes ao se-

minário, sem nada conhecerem deste movimento da Igreja;

* quando há um Regional ou um Nacional o seminário serve de base para o recrutamento de "assistentes", mesmo não-escuteiros (ou não fosse o Agrupamento 115, para todas as emergências!);

* muitas vezes, o escutismo surge como o único meio de difusão dos valores cristãos junto das camadas jovens, revelando-se forma privilegiada de apostolado;

* sabe-se da importância de muitos assistentes na formação de novos Agrupamentos, por terem gostado de ser escuteiros no seminário; e da indisponibilidade de outros para ajudar convenientemente o escuta na pedagogia da fé (veja-se o caso do Assistente Regional de Coimbra: qual o último que foi escuteiro de "carreira"? Ninguém se lembra!).

Tudo isto, só para dizer que o escutismo nos seminários é importante. Naturalmente, terá sempre limitações. Só poderá existir o Clã, e sem elementos femininos (adeus co-educação!), mas isso compreende-se pelas razões intrínsecas ao seminário. Mais que não seja, o escutismo dá uma elasticidade e espírito de aventura capaz de fazer ruir pela base qualquer impossível, o que, diga-se não tão de passagem quanto isso, faz falta a muitos padres.

N O T A S F U N D O

Sondagem

A religião no CNE

Ora digam lá, nunca tiveram curiosidade de saber como anda a religião no C.N.E.? Eu tive, e resolvi fazer umas perguntinhas à malta. Interrogados: 34 Caminheiros da Região de Coimbra, escolhidos aleatoriamente (foram os que me apareceram à frente!...). As perguntas eram simples e directas. As respostas... bem, dou-vos os resultados sem comentários. Pensem vocês no seu significado. Talvez para o próximo número ponha algum "peixe graúdo" do C.N.E. a comentá-las... se alguém aceitar!

O UNIVERSO

- 34 escuteiros, 14 machos e 19 damas, mais um que não se decidiu

- Secção: 33 Caminheiros e uma Pioneira

- Idades: dos 16 aos 23 anos, com média nos 18,8 anos

GENERALIDADES

O Livro do Êxodo fica:

"no Antigo Testamento", afirmam 24 Escuteiros; "no Novo", contrapõem uns míseros três; "sei lá!", dizem sete.

Há um que garante que fica algures na Arábia Saudita.

Existe um "Evangelho segundo S. Tomé" na Bíblia?

Dezassete asseguram que não e só dois que sim. Mas há catorze que não sabem.

Existe algum "Livro de Jonas"?

Agora é que se lixaram: Sim = 8 ; Não = 13 ; Não sei = 12

Esta é gira: onde nasceu Jesus?

Belém ganha com 22 votos, mas Jerusalém fica em segundo com 6. Nazaré só tem 2 votos e a Galileia 1. Há um que é taxativo: garante que nasceu na mangedoura; embora deva ter sido um pouco incómodo para Nossa Senhora...

Quantos eram os apóstolos?

"12", dizem 29; "8", diz um; "13", asseguram dois.

E como é tudo Caminheiro, vamos ao Patrono. S. Paulo foi:

"Um dos 12 apóstolos!", exclamam 23 Caminheiros; outro opta por ter sido o segundo Papa e só 9 dizem ter sido um perseguidor dos Cristãos.

PRÁTICAS

Confissões: dos inquiridos, 11 não se confessam, 13 fazem-no uma vez por ano, 9 duas a quatro vezes e 1 mais de cinco vezes.

Missa: 29 vão à Missa ao Domingo, 1 semana sim semana não e 4 quando calha.

Casar: 30 querem casar pela Igreja, 4 não.

Fé: instados a classificar a sua Fé numa escala de 1 a 10, temos uma média de 7. Há um que diz 10. Há dois que dizem 0.

CRENÇAS

Eleições: nenhum votaria em al-

guém só porque a Igreja o aconselhasse.

Camuflagem: serias capaz de esconder ser cristão? Para arranjar um emprego, 6 dizem que sim; para ser promovido, 4 o fariam; para conquistar alguém houve 3 afirmativas. 27 nunca. Padres e casamento: Sim ou Não?

Não devem casar: 9

Casem p'raí à vontade: 24

Padres e política: deveriam os Padres poder candidatar-se a cargos políticos? Sim = 11; Não = 22.

A Igreja faz bem em ser contra os anticoncepcionais? Sim = 2; Não = 32.

E contra o aborto? Sim = 17; Não = 15.

DOGMAS

Fátima: acreditas? Sim = 13; Não = 4; Talvez = 17

Há vida depois da morte? Sim = 15; Não = 1; Não sei = 18

Acreditas no Céu e no Inferno? Sim = 5; Não = 11; Não sei = 17

Mas afinal, estes tipos são católicos ou não?

Não há nada como perguntar-lhes: dois não são, sete são "simpatizantes", vinte e quatro são "praticantes" e nenhum se considera "militante" ou "fanático".

Agora, formem grupos de debate e divirtam-se!

Religião: Fenómeno sociológico

A religião é uma manifestação tipicamente humana; o Homem, desde que se entende como tal, desenvolve actividade religiosa: todos os povos, todas as culturas, todas as tribos cultivam o fenómeno religioso e nele põem tudo o que de melhor têm: as maiores criações artísticas, em qualquer cultura, estão, inegavelmente, ligadas à religião.

O fenómeno, como foi dito, tem a mesma idade da humanidade. Já na Antiguidade Clássica, dizia Plutarco: "Em tuas viagens poderás encontrar cidades sem muralhas e sem letras, sem reis e sem casas, sem riquezas e desconhecendo o uso das moedas, desprovidas de teatros e de ginásios. Mas uma cidade sem templos e sem deuses, que não pratique orações, nem juramentos, nem sacrifícios para impetrar os bens e afastar os males, essa cidade nunca ninguém a viu nem verá jamais".

É, então, ponto assente, que a religião faz parte do Homem. É seu constitutivo, faz parte da sua própria natureza; há, em cada Homem, uma "abertura" ao Transcendente, ao Absoluto, que faz o

Homem sair de si próprio para se ligar a esse Absoluto, e que o torna a trazer de volta a si, que lhe permite realizar-se plenamente como Homem.

Pode, com toda a segurança e toda a verdade, afirmar-se: Todo o Homem é religioso. «Ah! Ah! — dizem vocês — então, e os 'ateus'?»

***Deus... Igrejas...
cheiro a incenso...
fumo de velas...
velhas de xaile preto
a desfiar intermináveis
contas... Missas...
procissões sem fim... Até que ponto
pode chamar-se a
isso "religião"?***

digo vos eu: não há ateus! Pode haver pessoas, grupos, que rejeitam Deus tal como lhes é apresentado pelas religiões instituídas; mas Homens sem um deus, não existem. Se não reconhecem a existência do "Ente Absoluto" dessas religiões, criam sucedâneos (embora, na maior parte das vezes, inconscientemente) de

Deus, para seu uso e benefício. E qualquer coisa pode ocupar esse lugar na vida do Homem: pode ser uma ideologia (v.g. materialismo dialéctico), podem ser os bens materiais (v.g. capitalismo e consumismo), pode ser uma pessoa (v.g. Hitler, para os nazis), pode ser uma parte da mensagem religiosa que é absolutizada (v.g. fenómeno actual das seitas), etc.

A sociedade actual, "ocidentalizada" e extremamente marcada pelas ideologias racionalistas, tende a relegar para um plano secundário tudo o que não seja positivamente comprovável, tudo o que passa para além do âmbito do sensível. Por isso, rotula de "retrógrado" e "primitivo" aquilo que não se enquadre nos esquemas que considera normais, chamando "evoluídas" ou "primitivas" às sociedades/culturas, consoante o seu tipo de expressão e sentir religiosos.

Quando falamos de religião, nos nossos esquemas mentais logo surgem associações de ideias e imagens: Deus... Igrejas... cheiro a incenso... fumo de velas... velhas de xaile preto a desfiar

intermináveis contas... Missas... procissões sem fim... Até que ponto pode chamar-se a isso "religião"? E até que ponto é que o não é? Até que ponto possuímos um 'espírito aberto' que nos permita reconhecer e, mais do que isso, respeitar, as convicções profundas de cada pessoa?

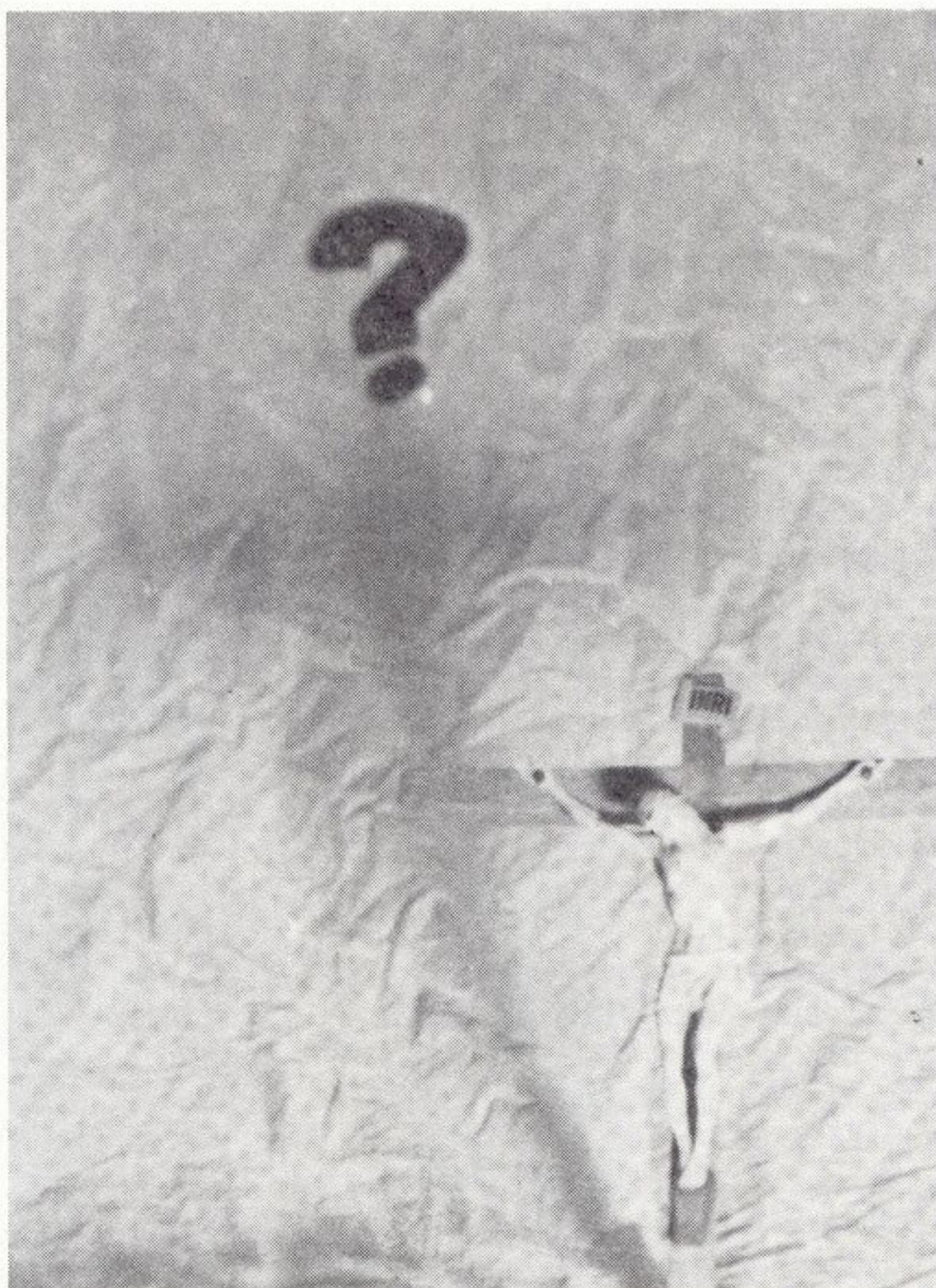
Se a religião é um fenómeno assim tão universal, porquê, então, tantos desvios a esse constitutivo humano? Porquê tantas tentativas para o minimizar?

O mundo de hoje, inspirado no racionalismo e empirismo, proclama-se essencialmente ateu; mas, para verificarmos a vanidade dessa pretensão, basta-nos constatar o número cada vez mais elevado dos que procuram dar largas ao seu sentir religioso dos modos mais radicais, entregando-se à prática religiosa em seitas (este tema, por si só, mereceria ser tratado mais longamente, dadas as proporções que o

fenómeno está a tomar na nossa sociedade); por isso, embora teoricamente relegue Deus para um plano 'secundaríssimo', a nossa sociedade é tão (ou mais!) religiosa como qualquer das precedentes.

Se a religião é um fenómeno assim tão universal, porquê, então, tantos desvios a esse constitutivo

humano? Porquê tantas tentativas para o minimizar? A resposta a estas questões talvez se encontre dentro do próprio Homem, na sua ânsia de querer sempre mais e que, tal como pode levá-lo a encontrar-se com Deus, pode, igualmente, levá-lo a criar os seus deuses (ou a 'auto-deificar-se').



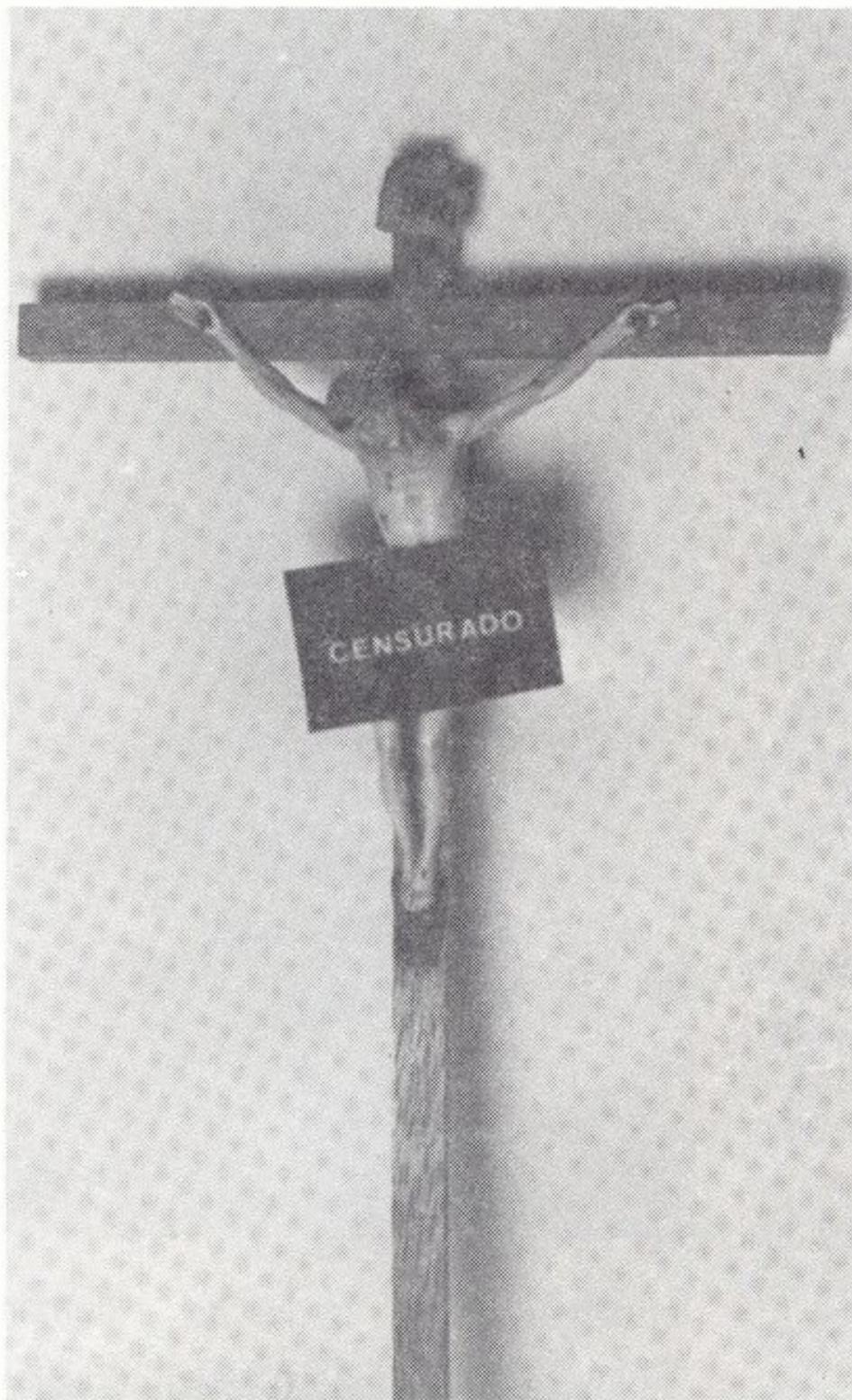
O que é a Doutrina Social da Igreja

Jesus Cristo, Deus filho, quando Se fez homem, assumiu plenamente para si a situação dos homens e foi em tudo igual a eles, excepto no pecado. Por isso aceitou viver - como todos os homens - limitado pelo espaço e pelo tempo. Daí que a sua mensagem, embora destinada aos homens de todas as épocas, foi anunciada numa época precisa, com os condicionamentos sociais e culturais desse mesmo tempo.

Após a ressurreição de Jesus e a Sua ascensão, ao longo de vinte séculos sempre a Igreja, auxiliada pelo Espírito Santo, foi aplicando a Boa Nova de Cristo às mais diversas situações da vida humana, situações essas que - devido à limitação espaço-temporal acima referida - foram desconhecidas do próprio Cristo.

A Doutrina Social da Igreja é um exemplo deste mesmo esforço de adaptação: visa acima de tudo aplicar os critérios do Evangelho às circunstâncias da vida social e do trabalho que hoje se vivem, seja na esfera nacional seja na internacional.

O primeiro documento que veicu-



ta o que se passou a chamar Doutrina Social da Igreja, foi a encíclica *Rerum Novarum*, que o Papa Leão XIII publicou em 1891, precisamente há cem anos. Com ela, visava o Papa alertar a Igreja e os cristãos para a angustiante situação em que viviam os operários no início da época industrial. Contra a existência sub-humana do

proletariado de então, o Papa procurava sublinhar a responsabilidade dos Estados na resolução de tão gritante injustiça.

Seguiram-se outras encíclicas: *Quadragesimo Anno* de Pio XII, quarenta anos após a *Rerum Novarum*; *Mater et Magistra* de João XXIII, em 1961; *Pacem in Terris* do mesmo Papa, em 1963. Depois, em 1965, o Concílio Vaticano II publicou a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, que procurava mostrar como é que a Igreja via o mundo e apontava alguns ensinamentos que se inseriam na Doutrina Social.

O Papa Paulo VI em 1967 lança a *Populorum Progressio*, sem dúvida o mais importante documento da

D.S.I., conhecido como a encíclica da opção pelos pobres; em 1971, oitenta anos depois da *Rerum Novarum*, nova encíclica: *Octogesima Adveniens*.

João Paulo II já publicou três encíclicas a tratar de temas ligados à D.S.I.: *Laborem Exercens* (1981), *Sollicitudo Rei Socialis* (1987) e *Centesimus Annus* (1991) a assi-

nalar os cem anos da Rerum Novarum.

Qual é então a finalidade de todos estes documentos?

Visam sobretudo três aspectos:

1º) oferecer a todos os homens de boa vontade (e não só aos católicos) princípios de reflexão acerca da vida em sociedade;

2º) dar critérios de julgamento que permitam discernir o que é de seguir e o que é de evitar;

3º) propor directrizes de acção que possibilitem passar para a prática as necessárias medidas de transformação social.

Numa perspectiva global, seriam de apontar as seguintes linhas de força na D.S.I.:

— A propriedade. A Igreja afirma a legitimidade da propriedade privada, mas insiste que essa propriedade tem uma dimensão social. Ou seja: os bens da terra foram criados para todos os homens e portanto são destinados a todos e não apenas a uma minoria. Se bem que a apropriação individual seja legítima, o uso privado da propriedade deve ceder face ao bem comum. (Quer dizer por exemplo que eu não posso explorar a minha empresa se ela prejudica os habitantes da região onde está instalada).

— O trabalho. Este é considerado um prolongamento do próprio homem, um meio que Deus põe ao serviço do homem para que este se realize e se torne mais homem, colaborando no plano de Deus para a criação. Deste modo, pelo trabalho, o homem pode ser imagem de Deus.

Mas se o trabalho for considerado

uma mera mercadoria, então perde o seu sentido e o homem não se realiza com ele (e passa a ter necessidade de procurar o sentido da vida nos tempos livres, no consumo...)

Uma humanização do trabalho não pode deixar de passar pela garantia de um justo salário e por uma maior participação na vida da empresa.

— A solidariedade. Podia ser definida como um empenho firme pelo bem do próximo. Na prática implica ter comportamentos diametralmente opostos aos que se observam a todo o instante: de vontade de obter lucros e de desejo sequioso de poder (que estão na base da exploração e da opressão dos outros), substituindo-os pelo respeito pela pessoa e sua dignidade.

Esta solidariedade devia ser vivida no mundo do trabalho (em oposição à luta de classes) e também a nível internacional (contrariando a desconfiança resultante da política de blocos).

— A natureza. Tem a Igreja uma notória preocupação ecológica, procurando alertar todos os homens para a necessidade de respeitar os ritmos da natureza (1). Tal respeito devia verificar-se principalmente a três níveis:

1.- na interacção entre todos os seres segundo a natureza de cada um deles (já que o cosmos forma um todo, um sistema ordenado);

2.- na preocupação pelas gerações futuras, considerando a limitação dos recursos naturais (alguns deles não renováveis);

3.- no ponderar as consequên-

cias do desenvolvimento na qualidade de vida das zonas industriais.

Na Sollicitudo Rei Socialis o Papa João Paulo II afirma (nº 41) a importância do conhecimento e da divulgação do ensino da Igreja no campo social, sublinhando mesmo que tais tarefas fazem parte integrante da missão evangelizadora da Igreja. Falta só acrescentar que isso da missão não é só para padres e freiras, já que todos os cristãos têm o dever de ser missionários.

Temos pois todos a obrigação de aprofundar o nosso conhecimento da Doutrina Social da Igreja. "Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje!"

(1) — Isto é visível quer em documentos da D.S.I. (Gaudium et Spes, nº 34; Octogesima Adveniens, nº 21; Sollicitudo Rei Socialis, nºs 26 e 34), quer noutras encíclicas (por exemplo: Redemptor Hominis de João Paulo II, em 1979, nºs 15 e 16), para além de muitas intervenções em discursos ou homilias a partir do Papa Pio XII.

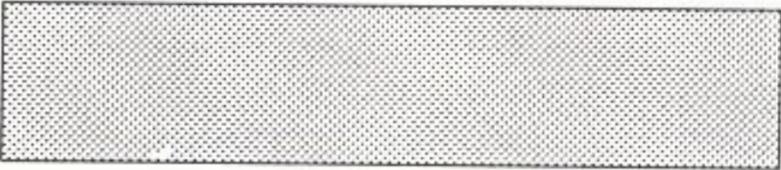
Esta preocupação é ainda verificável em documentos de várias Conferências episcopais. Destaque para a Conferência Episcopal Portuguesa: "Nota pastoral sobre a preservação do meio ambiente", (Lisboa, 1988).

* do Centro Universitário Manuel da Nóbrega — Coimbra



mente

porque há coisas que só se dizem aqui



mente

FRANCISCO DE SOUSA DIAS

Caríssimos

Do número de Set./Out. 91, até ao momento, apenas LI o editorial. No passado dia 24... lá fui votar e a minha "declaração de voto, espero, fà-la-ei em antes da ordem de trabalhos no primeiro Conselho Nacional que venha a reunir-nos.

A "democracia" no C.N.E., com efeito, está sem "piada", melhor, está a conduzir-nos para o termo do "sonho lindo" que teve início com D. Manuel Vieira de Matos e Dr. Avelino Gonçalves. Caminhamos a passos largos para um C.N.E. apenas O.T.L. e a afastarmos-nos de um C.N.E./Escutismo Católico Português... Acompanhei de perto os esforços feitos pelo José Luís Castanheira dos Santos para apresentar uma lista "B" com possi-

bilidades. A meu ver continha nomes de jovens com reais possibilidades. Apenas que prevaleceu, como é de "aceitar", seguir sem hesitação o terceiro Princípio... Quem poderá levar a mal?? Todos os eventuais candidatos estavam, e estão, uns em princípio de carreira profissional prometedora, alguns, simultaneamente, fazendo o mestrado e, ainda e também, em começo de "carreira" familiar. Quem poderá levar a mal, repetido?

Mais uma vez não foi possível contrapor à "mediocridade sabida" uma hipótese de solução... O "efeito surpresa" deu resultado...

Como sair desta situação? Como proceder, sabendo, por experiência, que apenas os tempos livres não são o suficiente e necessário para

mantermos uma associação como a nossa nos seus 50.000 elementos (não esquecendo que as necessidades reclamam por 100.000)? Que passos dar, sem esquecermos que, sem um real Escutismo vivido nas paróquias, não importa Juntas Regionais e até Junta Central?

Sei também que nas condições que estão a ser vividas pelos ex-futuros membros da equipa "B", muitos elementos há por esse Portugal fora. Será que se soubéssemos definir um "ponto de encontro" para eles nos poderia ajudar em futuro próximo?

Para todos os "fazedores" do MENTE a minha simpatia, os meus votos de Santo Natal e BOM ANO 1992, "véspera" de um sonho que também é lindo...

mente

Recebemos pela mão do nosso Director uma carta, com duas fotocópias anexas, cujo texto na íntegra reza assim:

"Exmo. Senhor
Director da Revista "MENTE"
COIMBRA
Com conhecimento a:
-Junta Regional de Coimbra
-Junta do Núcleo
Centro-Norte
-Direcções dos Agrupamentos
n.ºs. 109, 235 e 358

Em virtude da publicação na V/Revista de SET/OUT/91 do artigo "POLEMICAMENTE", assinado pela Equipa Aristóteles do Agrupamento 109, que visa este Agrupamento, vimos, por este meio, exigir que sejam publicadas, ao abrigo do direito de resposta e salvaguarda da verdade, esta carta bem como as fotocópias das cartas do Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Arzila e do Senhor Fernando Manuel Sabino Rodrigues (Responsável pela Reserva Natural do Paúl de Arzila) que se anexam, como prova de que o artigo em causa é calunioso, falso e isento de espírito escutista. Apresentamos as nossas melhores saudações escutistas Coimbra, 06 de Janeiro de 1992
A Chefe de Agrupamento
a) Clara Araújo

Em fotocópias anexas, das quais extraímos as passagens mais importantes, pode-se ler ainda:

"...nem o Presidente da Junta de Freguesia nem qualquer dos elementos do executivo (...) recebeu qualquer queixa por parte dos habitantes de Arzila, relacionada com o comportamento dos Escuteiros,..."

a) Adelino de Almeida Vilão

"...este agrupamento (355), foi muito trabalhador e bastante cumpridor no que respeita ao horário de trabalho. Quanto ao seu comportamento fora da hora de trabalho, não me constou nada (...), até porque vivo nesta freguesia, e penso que algum comportamento menos correto, eu seria imediatamente informado como sempre acontece..."

a) Fernando Manuel Sabino Rodrigues

A respeito desta carta gostaríamos de tecer alguns comentários, daqueles "de exemplo e proveito", como as histórias da Condessa de Sègur...

1º Querida Clara, da próxima

vez que quiseres escrever à malta, por favor, manda a cartita para o apartado do MENTE de forma a chegar pelo menos ao mesmo tempo das outras. Ou se calhar julgas que andamos a gastar uma fortuna com o apartado para depois lermos a nossa correspondência através da Junta Regional, Agrupamentos e etc.?

2º Presumo que o envio de cartas aos agrupamentos acima citados tenha algo a ver com o facto de serem os proprietários da Revista. Não me consta no entanto que quem escreva para o "Público" mande cópias ao Belmiro de Azevedo. De qualquer maneira obrigado pela preocupação, mas eles também lêem a MENTE.

3º Exigir? EXIGIR? Então, essa compostura? Primeiro, não somos um jornaleco qualquer, como o "Expresso" ou "As Beiras"; segundo, somos Escuteiros; terceiro, já vos tínhamos informado que publicaríamos com prazer qualquer resposta que quisessem dar. Para a próxima peçam "por favor" e "ao abrigo da Lei do Escuta", tá bem?

4º Será que em tantos e tão dotados Escuteiros que possui o teu virtuoso Agrupamento, não há um único que fosse capaz de escrever um artigo jeitoso que, de uma forma inteligente e fundamentada, conseguisse rebater as acusações de que (ao que parece) foram alvo? Será que era impossível escrever algo que tivéssemos orgulho em publicar? Esta cena das cartas impressiona muito nos tribunais, mas como artigo de revista...



ment e

ZÉ ALFAIATE

O ESCUTA PROTEGE AS PLANTAS E OS ANIMAIS

Vamos lá, ainda por esta vez, a mais um bocadinho da Lei do Escuta. É assim a modos como o óleo de fígado de bacalhau - perdoa-se-lhe o mal que sabe aos meninos pelo bem que lhes faz. Também a leizinha não anda sabida e cumprida a preceito e vai a gente ter de dar uma dosezita reforçada .

No caso presente nem é que o pessoal escuta (quer o daqui, da minha urbana paróquia, quer vós outros, espalhados pelos mais recônditos espaços deste rústico e rural país a que as novas vias de comunicação vão fazendo chegar os ventos da modernidade) se ande a desleixar. De facto, e embora, por modéstia, não quisesse fazer aqui eco de tais acontecimentos, a verdade é que têm vindo ter comigo em bandos, quais estorninhos à figueira no dealbar do Verão, a perguntar:

-Oh Zé ! Tu que tens dado tantas dicas de como cumprir a Lei, safa-nos lá quanto ao sexto !

-Então porquê ? -indago, maliciosamente, como se a não soubesse toda .

-Eh pá, tem sido uma rebaldaria! Uns que se recusam a cortar árvores para as construções de campo porque é contra o sexto; outros que se vão à ria, durante o acampa

Segundo sabemos, a comissão para o estudo da nova farda tem já em mãos um projecto que prevê que se use o lenço... com mais nada.

mento, com umas redes, e toca de arrebanhar e papar fritos os peixinhos, com a desculpa de que B.P. - que foi o autor do sexto, por sinal!- elogiava a pesca nas Palestras de Bivaque do Escutismo para Rapazes,

Não espero pelo correr de todo o rol de dúvidas, pro-

blemas e infortúnios de que o sexto é culpado - porque não tenho dúvidas que o é! - e lá lhes digo que tenham paciência, que se está a arranjar forma de ir retocando, retocando, retocando o artiguinho, até se lhe arranjar a mortalha final.

O velho B.P. era -quem o duvida?- muito bem intencionado. Nem sempre tinha, no entanto, aquele dom profético de prever os tempos futuros e lhes adequar a mensagem. Pois o que acontece ao sexto é que foi escrito quando os fogos eram poucos e a bicharda muita, essa treta da ecologia andava de fraldas e a camada do ozono vivia feliz em completa clandestinidade, algures entre a superfície verde-azul do globo e as camadas exteriores da atmosfera. Proteger as plantas consistia muito mais em não exagerar na poda das roseiras do que em evitar o derrube de uma das inumeráveis florestas de antanho; amar os animais podia ser representado pela carícia respeitosa no troféu de veado proveniente da última caçada, com a lembrança nas crias orfãs que iriam ser cuidadosamente alimentadas e entregues na coutada do costume ,... com sorte entrar-nos-iam na mira na próxima temporada.

Pois era o velho B.P. um exímio pescador, excelente na caça e cozinha do coelho e uma sumidade da montaria ao

javali. Deixou-nos com o sexto e a mais os seus exemplos de como cumpri-lo, sem pensar que se hoje em dia, o cumpríssemos como ele, o processo de destruição da floresta amazónica pareceria uma brincadeira quando comparada com o efeito, a todos os títulos extraordinário, produzido por alguns milhões de honestos escuteiros dedicando-se alegre e descontraidamente, à pesca da tainha, à extinção das florestas coníferas para fazer tripés e cavaletes, à caça do jacaré, etc... seguindo o exemplo, um dirigente modernação, tipo CEE, poderia apoiar a proposta dos seus jovens de terminarem o empreendimento sobre a natureza com uma fantástica visita ao último refúgio de B.P., no Quénia, culminada com um indescritível safari para ver quem trazia mais cabeças de gorila para pendurar na sede...

Tudo isto teria a sua graça, e participaríamos de bom grado em tão fantásticas actividades se, entretanto, não tivessem vindo os sucessores do velhote, com a sua infinita propensão para educadores das massas, dizer que não senhor, não era isso que ele teria pretendido transmitir-nos, que o escutismo era, sim um movimento de defesa da natureza, um movimento ecológico e coisa e tal... e que, portanto, o sexto era para ser tomado à letra e não olhando para os exemplos que atrás enunciá-

mos.

Queriam... logo se viram os problemas de tal atitude...

- Então, não cortamos lenha para a fogueira?... com este frio?... Então, não comemos a galinha?... Então, não arrancamos os tojos antes de montar a tenda?



Proteger plantas e animais, sim senhor, pensaram os nossos maiores, mas é preciso ser criterioso. O mandamento, no fim de contas, não precisa ser tão rígido.

Decidiu-se então que o "plantas e animais" se referia apenas a alguns dos seres vivos pertencentes aos Reinos Vegetal e Animal. Que o que era preciso era exercitar o sexto em acções concretas, dirigidas a espécies em risco, e deixar o resto do mundo vivo ir levando a sua cruz.

Foi assim no C.N.E.

Foi assim com o "Salvemos o Lince da Malcata", que não salvámos assim tanto mas que deu para vender uma data

de autocolantes à conta. Foi assim, de seguida, com as actividades nos Parques e Reservas, que invadimos alegremente, semeando mesas de piquenique, trilhos e torres de vigia, onde antes havia uma natureza insípida de tão pura.

Finalmente, está a ser assim com a última espécie eleita, o "eucaliptus globolus" (será que se escreve assim?), espécie vegetal de médio porte que, pelos vistos, deve estar em vias de extinção, tal o empenho que pomos em dar uma mãozinha à propaganda da sua grande protectora - a ACEL.

Mas sente-se já uma nova corrente, profunda, dentro da Associação.

É aquela que diz que não basta proteger a Natureza. Queremo-nos Natureza!

O homem natural, espécie em vias de extinção, requer a sua entrada no C.N.E.. Segundo sabemos, a comissão para o estudo da nova farda tem já em mãos um projecto que prevê que se use o lenço... com mais nada.

E com o ACANAC já em 96... no MECO!

Com escuteiros naturalistas!

Viva o sexto reformulado!

O escuta é, ele mesmo, um animal e, como tal, respeitado e protegido como toda a bicharada!

Ah! Quão belos e naturais são os tempos escutas que aí vêm!

EQUIPA DE SOCORROS DE EMERGÊNCIA DE NORTHAMPTON (N.E.A.T.)

Há catorze anos atrás, inundações em partes de Northampton (Inglaterra) deixaram muita gente desalojada e causaram a ruptura dos Serviços de Emergência da área. Alguns chefes de Pioneiros, frustrados por serem incapazes de ajudarem de forma cabal as equipas de salvamento, concluíram que a única maneira de melhorar a sua actuação no futuro seria montar uma equipa centralizada de Pioneiros treinados, que pudesse entrar em acção em qualquer momento.

O resultado disto foi a fundação da Equipa de Socorros de Emergência de Northampton (em inglês N.E.A.T.), formada por Pioneiros e Dirigentes da área de Northampton.

Os membros da Equipa são treinados em primeiros-socorros, combate a incêndios e técnicas de busca e salvamento pela Polícia, Bombeiros e Serviços Médicos. Estão de prontidão 24 horas por dia (patrões e escolas dão uma grande ajuda dispensando-os) e a Equi-

pa possui duas ambulâncias bem equipadas.

Desde a formação da N.E.A.T., a Equipa tem sido chamada para a busca de desaparecidos, salvamentos em cheias, ajuda em acidentes, trata

Desde a formação da N.E.A.T., a Equipa tem sido chamada para a busca de desaparecidos, salvamentos em cheias, ajuda em acidentes, tratamentos médicos de emergência, transporte de feridos e está à disposição dos Bombeiros para o combate a fogos no mato.

mentos médicos de emergência, transporte de feridos e está à disposição dos Bombeiros para o combate a fogos no mato. A sua contribuição à comunidade é de tal ordem que

em Maio de 85 foram agraciados com o Prémio Por Serviços À Comunidade atribuído pelo "Queen's Silver Jubilee Trust".

Apesar disto, a N.E.A.T. não é apenas chamada para emergências: eles também actuam como socorristas e no controlo de multidões em acontecimentos vários por toda a região. Um destes acontecimentos foi a "Volta a Inglaterra em Bicicleta - Kellogg's". Pediram à N.E.A.T. para viajar à frente da corrida toda a semana, organizando e controlando os espectadores e providenciando estacionamento nas paragens em cidades maiores.

Terminamos com um parágrafo extraído do roteiro da "Volta - Kellogg's": "1988 foi o 21º ano de vida da Secção dos Pioneiros e o slogan adoptado foi Os Pioneiros Funcionam! ("Venture Scouting Works!"). A N.E.A.T. certamente que confirma esta mensagem."

O PAPA E TIMOR

Aposto que inconscientemente, depois de lerem o título, e antes de lerem o texto que se lhe segue, estarão a perguntar-se “o gajo será contra ou a favor?”. Pois bem, não sou nem uma coisa nem outra ou, se quiserem, sou as duas. Em matérias como esta, em que é fácil mandar o bitaite, mas mais complicado conhecer as motivações profundas dos actos, várias vezes me tenho enganado e raramente não tenho dúvidas.

Depois disto, vejamos resumidamente as posições em confronto. Para uns, o Vaticano estará a olhar para o lado em relação ao sofrimento de um povo inteiro que reza em português enquanto é abatido sem dó nem piedade. Para outros, o seu silêncio deve-se à necessidade de salvaguardar os interesses da comunidade católica do maior país muçulmano do mundo, onde tem até aqui sido razoavelmente bem tratada.

Como já disse, a única certeza que tenho sobre o assunto é que não tenho certezas. Claro que a minha tendência vai no sentido de que o verdadeiro pastor é capaz de guardar o rebanho para ir em auxílio de uma só ovelha que se perdeu (onde é que fui buscar esta?). Mas uma imagem vale o que vale. Vamos pensar ao contrário. Suponhamos que o Papa sobe o tom na crítica aos assassinos da Indonésia. Não será de admitir que a consequência seja os 5 milhões de católicos indonésios passarem a ser perseguidos como o são agora os mauberes, com a agravante de o serem pelo seu próprio Estado, tornando mais difícil a sua defesa?

Vejamos um exemplo histórico. A Igreja Católica é acusada de, no auge do Nazismo, não ter levantado a voz contra a perseguição movida aos Judeus. No entanto sabe-se hoje que, longe da ribalta desses tempos diabólicos, o Vati-

cano ajudou esse povo mártir mais do que muitos outros o fizeram. Entre a denúncia desassombrada e a negociação inteligente, alguém pode ter a certeza de qual a estratégia mais eficiente?

Há precisamente 500 anos, S. Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, enunciou o que chamou “Regras de Sentir com a Igreja”, um conjunto de ajudas para quem quer ver mais longe e mais fundo, e que nos ajudam a perceber que a Igreja, pecadora por ser feita de homens, é também santa por ser habitada pelo espírito de Deus, ou, como lhe chamou S. Agostinho, “Casta Meretrix” (a bronca que deve ter sido). Este Papa pode estar errado, e se calhar está mesmo. Mas é bom lembrar que o Espírito trabalha de muitas maneiras. Em vez de imitarmos quem lavou as mãos como Pilatos à 15 anos, para vir agora atirar pedras, continuemos a rezar por Timor, a acender velas por Timor, a escrever cartas por Timor, a morder as canelas aos políticos por causa de Timor. Mas ao analisar a atitude de Papa sobre Timor, tentemos fazê-lo com frieza, objectividade, e acima de tudo com espírito de Igreja. Nem que seja para chegarmos à conclusão de que discordamos.

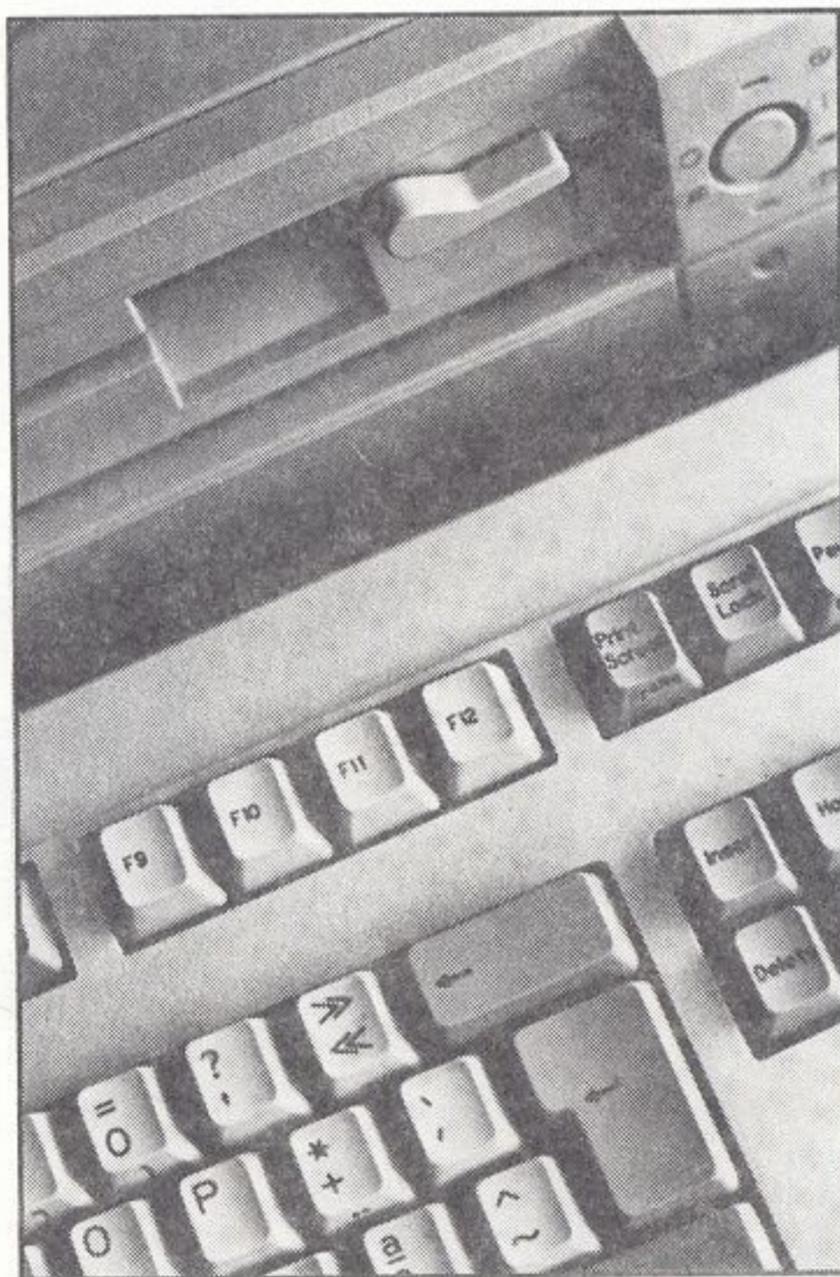
exercitation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum dolore eu feugiat nulla facilisis at vero eros et accumsan et iusto odio dignissim qui blandit praesent luptatum zzril delenit augue duis dolore te feugait nulla facilisi. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad

ea commodo consequat. Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum dolore eu feugiat nulla facilisis at vero eros et accumsan et iusto odio dignissim qui blandit praesent luptatum zzril delenit

ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat.

Autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum dolore eu feugiat nulla facilisis at vero eros et accumsan et iusto

odio dignissim qui blandit praesent luptatum zzril delenit augue duis dolore te feugait nulla facilisi. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exercitacion ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum dolore eu feugiat nulla facilisis at vero eros



et accumsan et iusto odio dignissim qui blandit praesent luptatum zzril delenit augue duis dolore te feugait nulla facilisi.

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad

nostrud ex

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat.

et accumsan et iusto odio dignissim qui blandit praesent luptatum zzril delenit augue duis dolore te feugait nulla facilisi. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad

nostrud ex

para 1992 temos ideias em mente

quis nostrud exercitacion

suscipit lobortis nisl ut aliquip ex

CLEMENTE



Chefe

(mas pouco...)

RECEBE ESTA INSÍGNIA DE COR VERDE ...



BEM PA', AGORA QUE ÉS UM DOS NOSSOS, PODES TOMAR CONTA DOS PUTOS ...



... O QUE NÃO É TAREFA FÁCIL ...



ALÉM DISSO, ASSISTE-SE A CADA COISA ...



5 NEGAS ?

SÓ CÁ VOLTA PIRO' VERÃO ...

MAS ...



UFA ! FOI SÓ UM PESADELO ...

